

Gestos de comunhão nas interações comunicativas entre docente e discentes nas aulas do componente curricular “Estudo Orientado” sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica (ADE)

Erick Samuel Silva Thomas*

<https://orcid.org/0000-0002-5004-0292>

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto**

<https://orcid.org/0000-0002-0987-8448>

Resumo: Propõe-se analisar os gestos de comunhão entre alunos e professora na disciplina "Estudo Orientado" em um CEPI. Investigamos como esses gestos podem ou não contribuir para auxiliar os estudantes em dificuldades de outras disciplinas e para o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas. Utilizamos a Análise do Discurso Ecológica (ADE), explorando suas características fundamentais. Para avaliar se os gestos de comunhão têm eficácia no aprimoramento de habilidades, utilizamos transcrições das aulas observadas. Os resultados destacam gestos de comunhão importantes para o processo de ensino-aprendizagem e sugerem discussões para novas práticas, beneficiando os estudantes.

Palavras-Chave: Interações; Disciplina; Gestos de Comunhão; ADE.

Gestures of communion in communicative interactions between teachers and students in classes in the “Guided Study” curricular component from the perspective of Ecosystem Discourse Analysis (ADE)

Abstract: This study analyzes gestures of communion between students and a teacher in the "Guided Study" discipline at a CEPI (Centro de Ensino em Período Integral - Full-Time Education Center). We investigate how these gestures may or may not contribute to assisting students facing difficulties in other subjects and to the development of linguistic-discursive skills. We employ Ecosystemic Discourse Analysis (EDA), exploring its fundamental characteristics. To evaluate the effectiveness of gestures of communion in enhancing these skills, we use transcriptions from observed classes. The results highlight gestures of communion crucial to the teaching-learning process and suggest discussions for new practices, ultimately benefiting the students.

Keywords: Interactions; Discipline; Gestures of Communion; ADE.

* Universidade Federal de Goiás. Mestre (2024) e Doutorando (2024 - atual) em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da UFG. E-mail: thomaserick98@gmail.com.

** Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Federal de Goiás. Pós-doutorado em Linguística pela UnB, mestra e doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Email: elza.couto@ufg.br.



Gestos de comunión en las interacciones comunicativas entre docentes y estudiantes en las clases del componente curricular “Estudio Guiado” desde la perspectiva del Análisis del Discurso Ecosistémico (ADE)

Resúmen: Se propone analizar los gestos de comunión entre estudiantes y docentes en la asignatura “Estudio Guiado” en un CEPI. Investigamos cómo estos gestos pueden contribuir o no a ayudar a los estudiantes con dificultades en otras materias y al desarrollo de habilidades lingüístico-discursivas. Utilizamos el Análisis del Discurso del Ecosistema (ADE), explorando sus características fundamentales. Para evaluar si los gestos de comunión son efectivos para mejorar las habilidades, utilizamos transcripciones de las clases observadas. Los resultados resaltan importantes gestos de comunión para el proceso de enseñanza-aprendizaje y sugieren discusiones para nuevas prácticas que beneficien a los estudiantes.

Palabras clave: Interacciones; Disciplina; Gestos de Comunión; ADE.

Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os gestos de comunhão nas interações entre alunos e professora no âmbito das propostas da disciplina "Estudo Orientado" em um Centro de Ensino em Período Integral na cidade de Anápolis, GO. Investigamos de que forma esses gestos, bem como os conteúdos da disciplina, podem ou não contribuir para auxiliar os estudantes em dificuldades relacionadas a outras disciplinas e para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e discursivas. O material de análise consistiu em 20 aulas da disciplina de "Estudo Orientado" da turma do nono ano "A". Utilizamos a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE) neste trabalho, explorando suas características e princípios fundamentais. Para avaliar se os gestos de comunhão têm eficácia no auxílio às dificuldades e no aprimoramento de habilidades, utilizamos descrições e transcrições das aulas observadas.

O "Estudo Orientado" (EO) é uma disciplina integrante do Núcleo Diversificado do Currículo nas Escolas de Tempo Integral, caracterizada por inovações em conteúdo, método e gestão. Ela visa orientar professores e alunos na compreensão dos temas abordados nas disciplinas e na promoção de uma relação harmoniosa entre os profissionais da instituição. Além disso, as atividades desenvolvidas no EO contribuem

significativamente para o processo de ensino-aprendizagem, promovendo o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade dos alunos.

Para analisar os gestos de comunhão nas interações entre docentes e discentes, discutimos o conceito de comunhão e sua manifestação nas interações interpessoais. No contexto teórico da ADE, a comunhão está intrinsecamente ligada aos conceitos de língua e comunidade. Segundo Couto (2016), a língua é uma forma de interação comunicativa que se desenvolve dentro de um ecossistema linguístico, envolvendo as interações entre língua, povo e território. No contexto das relações entre povo e território, a língua se desenvolve por meio de interações linguísticas que criam processos de referência e significação (Couto, 2020). Dentro do ecossistema linguístico, a interação comunicativa equivale à interação organismo-organismo, enquanto as interações linguísticas (referenciação e significação) equivalem à interação organismo-mundo. Portanto, esses dois tipos de interação são interdependentes e requerem acordos e ações para criar condições adequadas para sua realização pelos falantes, sendo a comunhão uma dessas condições (Couto, 2020).

Este trabalho foi conduzido utilizando o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Ecológica (ADE), que se baseia em dois princípios fundamentais: a defesa da vida e a luta contra a violência e o sofrimento evitáveis. Além disso, a ADE é inspirada em fontes como a Ecologia Profunda (EP) de Arne Naess (1989), o taoísmo, a Análise de Discurso Positiva de Martin (2004) e a ecologia social.

Foram analisadas as interações entre uma professora e seus estudantes, assim como os conteúdos das aulas de EO, focalizando nos gestos de comunhão e seu potencial para auxiliar nas dificuldades relacionadas a outras disciplinas e no desenvolvimento de habilidades linguísticas e discursivas.

Desse modo, é importante apresentar o que discutimos no trabalho. Na seção pós-introdução, apresentamos a Análise do Discurso Ecológica (ADE), assim como seus conceitos, os quais foram fundamentais para o presente estudo. Em seguida, descrevemos alguns trechos referentes as interações entre professora e alunos na disciplina de “Estudo Orientado” e analisamos esses trechos por meio dos princípios

teórico-metodológicos fornecidos pela ADE. Por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho e as possibilidades para o surgimento de outras pesquisas afins.

Análise do Discurso Ecológico: conceitos e categorias

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma nova forma de se fazer análise do discurso. Ela tem esse nome porque parte do conceito central da Ecologia, ou seja, do ecossistema. Como a ADE é uma maneira de investigar a construção dos sentidos que emergem nos ecossistemas partindo de dentro da Ecologia, Couto & Fernandes (2021) apresentam um exemplo do que é partir de dentro: seria empregar os princípios da própria Ecologia a fim de observar como são as interações entre os indivíduos dentro de um ecossistema.

Observa-se a língua, nos princípios da ADE, como uma interação verbal ou comunicativa no ecossistema linguístico. Nesse sentido, a ADE procura investigar como ocorrem os fenômenos da linguagem, mais especificamente o discurso, inseridos nos ecossistemas. O equivalente do ecossistema biológico na análise dos fenômenos da linguagem é, portanto, o ecossistema linguístico. Esse ecossistema consta de uma população ou povo (P), um lugar ou território (T) em que esse povo vive e convive e seu modo de interagir, isto é, sua linguagem/língua (L).

A ADE não se restringe apenas ao lado social da linguagem, o ecossistema social, como fazem outras disciplinas. Ela faz o seguinte trajeto: pode começar pelo lado natural, que é o ecossistema natural, movimentar-se pelo mental até ir de encontro com o ecossistema social. Reconhecer esses três ecossistemas não significa que a ADE não possa fazer recortes e se dedicar a apenas um deles momentaneamente. Contudo, mesmo quando o faz, seu praticante tem consciência de que fez esse recorte por necessidades operatórias, porque a ADE olha para seu objeto de modo holístico. Para ela, a língua não é apenas social. Tampouco é um fenômeno da natureza. Para ela, a língua/linguagem é um fenômeno biopsicossocial.

A ADE utiliza os princípios da Ecologia a fim de analisar a construção de sentidos entre pessoas que interagem dentro de um ecossistema linguístico, preocupando-se em entender como os discursos atuam e emergem nos ecossistemas. Considerando que essa disciplina trata das interações no seio do ecossistema linguístico, ela defende a ideia de que o texto-discurso surge de um diálogo que produz sentidos em uma rede de interações comunicativas, em um sistema complexo (Couto; Fernandes, 2021), em que se abordam os valores discursivos que são construídos no meio ambiente em que vivem os sujeitos.

Dentre a gama de conceitos utilizados pela ADE, destacam-se os seguintes: porosidade, diversidade, adaptação e evolução. Para Couto (2012), uma característica primordial de todo ecossistema é o que chamamos de porosidade, uma vez que ele não tem fronteiras delimitadas. Dessa forma, o que existe é um *continuum*, devido ao fato de que tudo no mundo está de alguma forma inter-relacionado. O ecossistema é definido pelo pesquisador. Assim, os ecossistemas se imbricam uns nos outros, havendo migrações de organismos entre eles, de modo que é difícil, senão impossível, dizer-se onde termina um ecossistema e onde começa outro.

Seguindo na ordem de apresentação, outro conceito é o de diversidade. Todo ser vivo tem seu papel na grande teia da vida. Mesmo que ainda não saibamos qual é sua importância, ela existe. Quanto mais complexo e diversificado for um ecossistema, mais estável ele será, menos suscetível de desaparecer (Couto, 2012). A adaptação é uma capacidade de promover o equilíbrio do meio ambiente, de conviver em harmonia com ele e também com os demais seres. Adaptar-se é ser flexível, o que implica tolerância. Por fim, a adaptação produz mudança, que, por sua vez, leva à evolução. Adaptar-se é evoluir e evoluir é adaptar-se. A evolução ecológica ocorre ciclicamente. Tudo na natureza se move em ciclos, como no caso de alternâncias entre noite/dia, as estações do ano, o ritmo biológico do nosso organismo e assim por diante. Mesmo na cultura e na linguagem as mudanças são cíclicas (Couto; Fernandes, 2021).

O principal tipo de regra subjacente à interação comunicativa são as regras interacionais e não as regras sistêmicas da gramática normativa. Contudo, os atos de interação comunicativa só são bem-sucedidos se houver uma comunhão prévia ou uma

harmonia entre os parceiros de diálogo. Para Couto (2012), estar em comunhão é estar em sintonia, em pensamento, ação e sentimento. Estar em comunhão é estar em sintonia em termos de sentimentos, de modos de pensar, agir ou sentir (Couto, 2012). É uma identificação mútua. Por fim, nas definições acima, observamos que as ideias de sintonia e harmonia são componentes indispensáveis da comunhão, não importa de qual é o tópico em debate. Para reforçar, estar em comunhão “é compartilhar sentimentos, como, por exemplo, o próprio fato de estar colaborando, cooperando ou, pura e simplesmente, a satisfação dos indivíduos em estar juntos, formando um todo. Estar em comunhão é estar convivendo e em harmonia” (Couto, 2012, p. 70).

Ao falar de interação comunicativa, é importante ressaltar que há três níveis de interação: a interação comunicativa face a face, a interação comunicativa virtual (*online*) e a interação comunicativa potencial. No quadro abaixo, há uma explicação detalhada desses tipos de interações:

Quadro 1.1. Tipos de interação comunicativa

Aspectos da interação comunicativa	Tipos de interação comunicativa		
	Face a Face	Virtual	Potencial
Interactantes	Falantes Presentes	Falante-Interlocutor	Escritor/ leitor Potencial
Tempo	Sincrônico	Sincrônico/ Assincrônico	Assincrônico
Espaço	Território, espaço em que os indivíduos se encontram	Território, espaço virtual	Território, espaço potencial

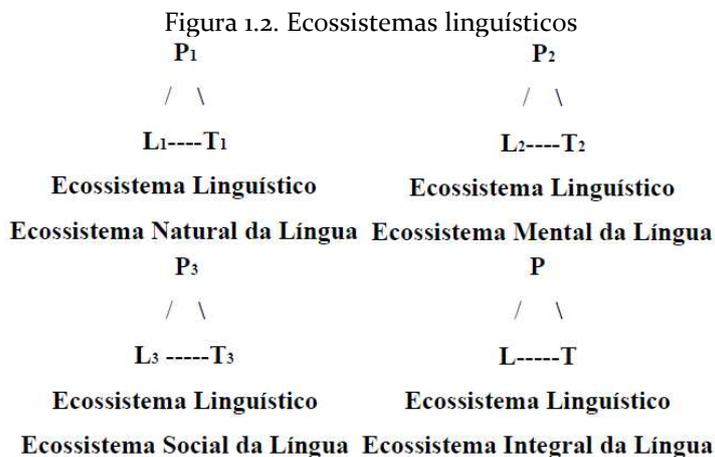
Fonte: Couto e Fernandes (2021).

Considerando a nossa proposta de pesquisa, investigamos os gestos de comunhão nas interações que ocorrem face a face entre os sujeitos em sala de aula. Neste tipo de interação, o falante e o ouvinte são intercambiáveis e dialogam num mesmo espaço e num mesmo tempo, utilizando diversas regras interacionais que permitem produzir sentido e manter a comunicação.

Couto e Fernandes (2021) apresentam as três dimensões do ecossistema linguístico. São elas: natural, mental e social. O ecossistema natural é o meio ambiente complexo que envolve toda a natureza e os seres que aí vivem, aí incluso o ser humano,

sendo que os meios ambientes não são apenas os naturais, mas também os construídos, como as cidades e outras construções humanas que passam a ter existência própria (Couto; Fernandes, 2021).

O ecossistema mental deve ser entendido como o cérebro/mente/corpo, uma habilidade interior de cada um dos humanos e tudo que se dá nele. A língua como fenômeno mental, mais cérebro e mente, constitui o ecossistema mental. Para acrescentar, a mente constitui as interações mentais enquanto o cérebro é o lugar, o *locus* dessas interações. Por isso, é o meio ambiente mental da língua, é nesse meio ambiente que ela é formada, armazenada e processada (Couto H; Couto E; Borges, 2015). Já o ecossistema social é constituído por indivíduos, pessoas que interagem num meio coletivo, envolvidos nos diversos papéis sociais cujas interações constituem a linguagem como um fenômeno social e histórico. Vale ressaltar que esses ecossistemas não são independentes, visto que eles dialogam entre si, constituindo o Ecossistema Integral da Língua (EIL). Esses ecossistemas promovem interações mútuas ao conviver de forma integrada em trocas permanentes, buscando a harmonia. Apresentamos, na figura a seguir, o tripé teórico-conceitual que representa os três ecossistemas:



Fonte: Couto (2015).

É por meio do EIL que os outros ecossistemas confluem, constituindo uma visão holística da interação linguística. Nesse sentido, o EFL pode ser entendido, genericamente, como comunidade – de língua ou de fala, possibilitando ao pesquisador

determinar qual é o EIL com o qual deseja trabalhar. Dessa forma, sempre que a língua for analisada de modo global, holístico, estaremos falando a partir do EIL.

Nessa perspectiva da interação que ocorrem entre os três ecossistemas, vale ressaltar que as pessoas acreditam que para haver comunicação o requisito mínimo é apenas a existência de uma linguagem comum aos dois indivíduos, pois a teoria da comunicação e outras teorias linguísticas compartilham desse pensamento. Contudo, se prestarmos atenção, constatamos que as coisas não são bem assim (Couto, 2012). Nesse contexto, é preciso que exista algum tipo de comunhão, antes de qualquer linguagem, pois assim o ato de interação comunicativa será eficaz.

Interações comunicativas entre alunos e professora

Nesta seção, discutimos as interações entre os alunos do 9º ano e a professora, desde as questões relacionadas aos conteúdos ministrados até aos diálogos e orientações ocorridas entre os indivíduos em sala de aula. Para um melhor entendimento, utilizamos as palavras professora, alunos e pesquisador grifadas para transcrever a fala desses sujeitos em interação e alguns sinais gráficos para indicar pausas, ênfases e termos das falas dos indivíduos em interação.

Nessa análise, focalizamos as interações entre uma docente e os discentes na disciplina de EO em que utilizamos como categorias de análise, os gestos de comunhão e de descomunhão, assim como outras categorias observadas. A título de exemplo, um dos conteúdos das aulas observadas dizia respeito à produção de uma agenda por parte dos estudantes. Para que desse prosseguimento a isso, a professora orientou os alunos no desenvolvimento dessa produção, utilizando uma agenda como exemplo por meio da televisão, como se pode ver nas transcrições abaixo:

1º excerto de uma aula de “Estudo Orientado” - período vespertino

Professora: Nono ano, Bom dia!

Alunos: Bom dia professora.

Professora: Vocês providenciou sua agenda?

Alguns alunos: Ahaaam.

Outros alunos: Não professora.

Professora: Quem não providenciou, vai deixar uma matéria no caderno para fazer sua agenda. Lembre-se da aula passada sobre organização. Para você aprender né... a preencher, a fazer a sua agenda, hoje a gente vai trabalhar nesse formulariozinho aqui. Aqui eu tenho a sequência né com conteúdos da organização e de como preencher os detalhes aqui da sua agenda para ser mais eficiente.

Aluno 4: Ahh sim. Beleza então.

Professora: Vou passar aqui na TV os detalhes da agenda, enquanto isso vocês vão preenchendo o formulário, tá bom?

Aluna 11: Tá bem fessora. Agorinha te mostro a minha agenda

Professora: Tá bom.

Aluna 11: Fêssora? Terminei minha agenda aqui. A senhora pode olhar e vê se está ingual?

Professora: Traz aqui

Aluno 8: Num é ingual que fala não, é igual. Para de falar errado aí.

Nesse momento alguns alunos riem e debocham da aluna e aluna apenas fica em silêncio.

Professora: Sim, está fazendo direitinho. Pessoal? Continuem fazendo a agenda e qualquer coisa, vocês me chamam para eu olhar.

Como se vê, houve um momento nessa aula que nos chamou atenção, em que um aluno ironizou a fala de uma estudante que pronunciou a palavra "igual" como "ingual", rindo e debochando da colega, situação que não teve nenhuma intervenção da docente, o que não dialoga com as propostas da ADE, que recomenda e evita todo e qualquer tipo de sofrimento (Couto; Fernandes, 2021). Diante disso, observamos que as atitudes do estudante são gestos de descomunhão que se constituem em preconceitos que refletem no ensino-aprendizagem dos alunos, os quais devido a esses preconceitos não aprendem a legitimarem as diversas variedades linguísticas e passam pela escola reproduzindo os fenômenos de hipercorreção em torno da linguagem. Nota-se que o aluno que praticou esse preconceito é um adolescente, e sabemos que o *bullying* é um ato de violência física ou psicológica presente na adolescência (Pigozi; Machado, 2014). Nessa situação, é esperado que a professora intervenha contra a descomunhão que ocorre e facilite o respeito entre os pares.

Quanto às atitudes dos estudantes na adolescência, existe uma explicação para tal, pois a adolescência é uma época de intensas modificações no desenvolvimento humano, marcada por alterações biológicas da puberdade e relacionada à imaturidade biopsicossocial dos indivíduos. Posta essa lógica, ela é identificada como um período de crise, pela experiência de importantes transformações mentais e orgânicas capazes de

proporcionar manifestações peculiares em relação ao comportamento normal para a faixa etária (Jatobá; Bastos, 2007).

Como mostramos anteriormente, existe também a descomunhão que se constitui em um fenômeno, uma situação contrária à comunhão. Dessa forma, Couto (2017) nos mostra que a descomunhão seria o exemplo de pessoas estarem fisicamente juntas, mas não mental e nem socialmente. Ela ocorre em situações que esperamos que haja comunhão, mas na verdade, ocorre o contrário, visto que o sufixo *des-* expressa uma ideia contrária (Couto, 2017). No trecho apresentado, esperamos que os estudantes interajam entre si a fim de desenvolver suas habilidades, contudo, não houve comunhão entre os estudantes, pois as condutas descritas revelam-se em gestos de descomunhão, porque prejudica as interações do ecossistema.

A aluna foi vítima de um comentário caracterizado como *bullying*, resultando em um sofrimento mental e em uma quebra da harmonia. Ressalta-se que houve um constrangimento por parte da estudante e, esse tipo de constrangimento, durante a adolescência, pode gerar inúmeros problemas psicológicos e de convivência. Além disso, o *bullying* gera consequências mentais e sociais que podem ser devastadoras para uma jovem em formação. Vale ressaltar que a aluna foi vítima de preconceito linguístico e esse preconceito, de acordo com Bagno (2015, 2008), exclui e oprime os que cometem desvios referentes à norma estatal da Língua Portuguesa.

Nessas interações, ressaltamos a categoria da exclusão, sendo que observamos esse acontecimento por parte dos estudantes ao não reconhecerem a fala da colega como válida, como “certa”, como prestigiada, ou seja, ela se torna uma fala estigmatizada. Esse discurso não favorece o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas, principalmente a oralidade, pois, ao invés de abordar as variedades linguísticas, a professora e os alunos as excluem sem possibilidade de discussão dessas variedades, o que evidenciaria a riqueza linguística da Língua Portuguesa.

Diante de tudo isso, refletimos sobre a origem do preconceito linguístico em sala, visto que ele não surge do nada e nem mesmo de uma pessoa em específico, porque onde a linguagem se faz presente, existe a possibilidade de ele ocorrer devido à complexidade dos âmbitos sociais, dos sujeitos em interação e das variedades

linguísticas utilizadas nesses âmbitos. O preconceito linguístico, no contexto em questão, constitui-se em uma situação e em uma categoria de análise para esse trabalho que nos leva a pensar na violência psicológica que chega, assim, ao sofrimento mental e social.

O episódio da aluna nos leva a pensar no silêncio, também, como uma categoria de análise, englobando os sofrimentos mental e social causados pela quebra da comunhão. O silêncio é um fenômeno manifestado além do dito e do não-dito: há sentido no silêncio. Ainda mais, constitui-se também em um ato de interação, como quando alguém pede silêncio a outrem para prosseguir com uma palestra, um discurso, um pronunciamento etc. Através do silêncio, algumas pessoas apresentam o que querem e se pretendem continuar interagindo ou não dentro de um ecossistema linguístico, como foi o caso da estudante que permaneceu calada durante a aula após ser vítima de preconceito. Assim, o silêncio da aluna é uma reação de isolamento por causa da descomunhão nas interações observadas.

Ao sofrer um preconceito devido à sua forma de falar, a estudante passa por um sofrimento que está no âmbito do sofrimento mental. Soma-se a isso, ela sofrer uma desmoralização no espaço da sala de aula perante os outros estudantes que caçoaram do seu modo de se expressar, revelando uma situação de descomunhão. Essas desmoralizações por parte do estudante constituem-se em uma tortura mental, que são atitudes praticadas por adolescentes sem terem consciência de que estão fazendo isso (Prigozi; Machado, 2014). Nesse contexto, existe uma falta de comunhão entre os estudantes que desenvolve implicações sérias para a aluna, como a falta de sociabilidade, depressão e uma culpa interna pelo seu modo de falar.

Quanto aos problemas causados pelos preconceitos, destaca-se a depressão, comum na faixa etária desses estudantes. Posta tal colocação, a depressão na adolescência vem se constituindo em um crescente e preocupante problema de saúde pública. Cabe acrescentar que, as crianças e adolescentes depressivos costumam apresentar altas taxas de comorbidade com outros transtornos psiquiátricos, como transtornos de ansiedade e transtornos de conduta (Jatobá; Bastos, 2007). Além do *bullying*, o comentário do estudante se constitui em uma ironia, visto que ele pede para

que ela não fale daquela forma, mas sem ajudá-la apenas com o objetivo de desmoralizá-la na frente dos outros colegas.

Para a ADE, que recomenda a luta contra a violência e o sofrimento evitáveis, não havia necessidade de a estudante ter passado por esses momentos de humilhação, uma vez que essa disciplina ressalta as questões de variedades linguísticas a fim de evitar juízo de valor sobre os diferentes falares, evitando a reprodução do preconceito linguístico, de sofrimentos sociais em torno da linguagem e o *bullying*. Através do princípio de que a ADE recomenda condutas para promover o equilíbrio, espera-se por parte da professora que ela tenha estratégias e condutas para sanar e evitar que problemas similares viessem a acontecer, como conversar com ambos os estudantes em particular.

Desse modo, o diálogo entre a profissional e os alunos seria uma busca pela comunhão entre os sujeitos. Em primeiro lugar, seria melhor se ela orientasse o estudante a não praticar esse tipo de preconceito, e que esse ato tem consequências sérias para quem sofre tal preconceito. Em seguida, por meio de uma conversa com os estudantes, apresentaria de forma simples e didática ambas as palavras “ingual” e “igual” e que a última, segundo as normas estabelecidas, é a mais adequada para ser utilizada em contextos mais formais.

Outro fator relevante, é que se a professora ressaltasse o fenômeno da nasalização que ocorre em algumas palavras e expressões, de acordo com processos fonéticos e fonológicos em torno da língua, seria uma aula muito mais construtiva. Com a posse desse conhecimento linguístico, a docente pode mostrar aos estudantes que o processo de nasalização resulta do encontro de uma vogal com uma consoante nasal (Botelho, 2007). A demonstração desse processo poderia ser feita por meio de exemplos e de atividades que motivassem os estudantes no conhecimento desse fenômeno e de outros que emergem na língua. No caso da estudante, surge uma questão fonológica que não deveria ser tratada como erro, mas sim como diferenças que ocorrem na língua (Botelho, 2007).

Para tornar a sala de aula um lugar mais harmonioso, a professora poderia justificar a questão de a aluna ter utilizado a palavra “ingual” ao invés de “igual” e explicar

o uso da primeira palavra, evitando um possível constrangimento da aluna que leva ao sofrimento mental. As estratégias que a professora poderia ter utilizado relacionam-se ao que a ADE recomenda e tem como princípios que dizem respeito a defesa e manutenção da vida e a luta contra a violência social e psicológica, que seriam atitudes que evitariam todo e qualquer sofrimento.

Quanto ao tipo de interação que foi observada, foi uma interação que revela gestos de comunhão exercidos face a face, porém com uma distância maior mantida pela docente, auxiliando os alunos de sua própria mesa e carteira sem, em momento algum, estar fisicamente mais próxima de cada estudante. Essa distância mantida pela docente se constitui em um poder de comunhão exercido em sala pela profissional. Esse gesto demonstra eficácia nas interações entre os indivíduos, pois os alunos estão à frente da profissional, prestando atenção e tirando suas dúvidas, o que foi constatado pelo pesquisador nas aulas.

Como vimos, os ecossistemas não são independentes, visto que eles dialogam entre si, constituindo o Ecosistema Integral da Língua (EIL). Esses ecossistemas promovem interações mútuas ao conviver de forma integrada em trocas permanentes, buscando a harmonia. No episódio, existe o diálogo entre os ecossistemas em que eles confluem, constituindo uma visão holística da interação linguística. Ao encararmos os ecossistemas e a interação de modo holístico, estamos falando a partir do EIL, porque a língua é encarada independentemente de ser um fenômeno natural, mental ou social, ou seja, podem ser todos eles ao mesmo tempo.

Em outra aula, a professora colocou em debate o conceito de interpretação e se os alunos faziam interpretação, visto que eles possuem dificuldades quanto ao conhecimento desta palavra, como se pode observar nas transcrições abaixo:

2º excerto de uma aula de “Estudo Orientado” - Período Vespertino

Professora: Turma? Hoje nós vamos estudar a interpretação.

Aluna 24: Vai ser aula de interpretação de texto professora?

Professora: Quase isso. Eu vou explicar para vocês. Mas turma, vem cá, vocês fazem interpretação? Porque o professor de Língua Portuguesa me disse que alguns alunos estão com dificuldades em fazer isso nas atividades.

Professora: Alguém aqui sabe me dizer o que seria uma interpretação?

Aluno 4: Não me lembro professora.

Professora: Vou passar aqui na TV um vídeo, é um curta-metragem para vocês assistirem, e discutirem

Nesse momento a professora começa a compartilhar o vídeo para os alunos.

Aluno 9: Olha a situação da roupa dessa muié (risos)

Aluno 10: Toda destruída né?

Aluno 14: Nossa! Olha o barrigão dessa muié (Risos)

Professora: Não, não. Não pode falar assim e presta atenção em outras questões mais importantes do vídeo, porque eu vou perguntar depois hein?.

Professora: O que vocês acharam do vídeo?

Aluna 3: Eu gostei desse vídeo professora, é legal.

Aluna 7: Eu também gostei dele.

Professora: Vocês viram as dificuldades que a personagem enfrentou no vídeo?

Alunos (as): Sim.

Professora: Quais partes vocês mais gostaram? Assim as partes que mais chamou atenção de vocês?

Aluna 5: Eu gostei das partes que ela ficava trabalhando, sabe?

Professora: Ahh sim.

Aluno 26: Professora? Ela num sabia ler não?

Professora: Não, não. Vocês viram o porquê, né? Sempre que ela começava a aprender a ler e escrever, ela precisava ajudar nas tarefas domésticas de casa.

Aluno 12: Sempre ficava nesse ciclo né fessora?

Professora: Sim, exatamente.

O curta-metragem "Vida Maria", lançado em 2006 e dirigido por Márcio Ramos, emerge como uma obra significativa no cenário do cinema de animação brasileiro, oferecendo uma contextualização profunda e comovente da realidade de muitas mulheres no sertão nordestino. Sua relevância reside não apenas na técnica de animação, que utiliza a plasticidade do traço para transmitir emoções, mas principalmente na forma como aborda um tema social complexo: o ciclo de perpetuação da pobreza e da falta de oportunidades através das gerações.

A narrativa de "Vida Maria" se desenvolve de maneira linear e impactante, seguindo a trajetória da personagem-título, Maria. Desde muito cedo, aos cinco anos, Maria é forçada a abandonar a escola para assumir as responsabilidades domésticas e o trabalho na roça, um destino comum a muitas meninas em comunidades rurais com pouca infraestrutura e acesso limitado à educação. O filme ilustra como essa rotina exaustiva de trabalho braçal e a ausência de formação educacional não são exceções, mas sim a regra, sendo transmitidas de mãe para filha, formando um elo inquebrável que as aprisiona em um ciclo de dificuldades. As "Marias" se sucedem na tela, simbolizando a repetição de uma vida marcada pela labuta e pela ausência de horizontes mais amplos.

¹ <https://youtu.be/yFpoG htum4?si=N4ezXdnfdZK5fHe->

Apesar de ser uma animação, "Vida Maria" não suaviza a dura realidade que retrata. Pelo contrário, sua sensibilidade permite que o público compreenda a profundidade da desigualdade social e de gênero que afeta essas comunidades. A obra serve como um poderoso instrumento para a reflexão sobre o trabalho infantil, a invisibilidade das mulheres no campo e a urgência de políticas públicas que possam romper esse ciclo vicioso. O filme, portanto, não é apenas uma história, mas um documento poético e social que nos convida a olhar com mais atenção para as vidas muitas vezes esquecidas do sertão brasileiro, instigando um debate necessário sobre educação, dignidade e futuro.

Ao não ter respostas dos alunos em relação ao vídeo, a professora começou a questionar os alunos, direcionando perguntas para eles sobre o que seria interpretar. O direcionamento de perguntas feitas pela professora se refere à uma categoria para analisarmos, bem como um gesto de comunhão que se observa nas interações. Ela compartilhou um curta-metragem na televisão para os alunos, cujo título é Vida Maria, disponível na plataforma *YouTube*.

Através das observações do excerto acima, presenciamos algumas palavras ditas pelos estudantes que denegriram a imagem da personagem, como "*roupa dessa muié*", "*toda destruída*" e "*barrigão*". Essas atitudes prejudicam a comunhão, ou seja, não facilita a comunicação entre os indivíduos e, ainda, não contribui para o ensino-aprendizagem dos estudantes. Elas também revelam a presença da descomunhão nas interações, pois os estudantes utilizam essas palavras e não deixam o ambiente propício para o desenvolvimento de suas habilidades. Essas interações, também, se fazem presentes nos ecossistemas natural, mental e social da ADE, porque ocorrem no espaço da sala de aula, causando constrangimento e violência psicológica em quem é vítima dessas palavras.

Essa situação pode causar constrangimento, uma vez que na sala de aula possa ter alunos oriundos dos estados da região do nordeste brasileiro e que sentiriam ofendidos com as palavras e expressões dirigidas ao curta-metragem, visto que possivelmente podem ter sofridos com a falta de água e com a escassez de recursos enquanto estavam nessas regiões.

As interações entre os discentes aparecem como forma de demonstrar a existência e reprodução de um discurso de exclusão social, representado pela falta de oportunidades com relação à alfabetização e aos recursos essenciais por parte da personagem. Essa estratégia nas interações se faz bastante eficaz, pois age como um gesto em busca de comunhão. Como no exemplo anterior, os comentários dos estudantes se fazem presentes nos ecossistemas natural, mental e social. São comentários realizados por indivíduos que fazem uso da memória coletiva (Halbwachs, 2013), existente sobre o sertão brasileiro que retrata a pobreza, a seca, a escassez de recursos e a falta de acesso à educação. As expressões utilizadas pelos estudantes que denegriram a personagem também se referem à memória coletiva, pois essas expressões fazem parte de um ato de xenofobia, um preconceito com as pessoas oriundas de outras regiões.

A análise dessa circunstância que engloba os três ecossistemas constitui, também, uma visão holística da interação comunicativa. Diferentemente do primeiro exemplo, notamos que a observação e análise holística das interações entre os indivíduos, bem como a intervenção da docente favorecem o desenvolvimento das habilidades dos estudantes, auxiliando-os em suas dificuldades, uma vez que a professora os orienta a não praticarem atos preconceituosos. Dessa maneira, observamos que neste episódio existe uma comunicação verbal dos indivíduos por meio de texto.

O conteúdo do curta-metragem era sobre a personagem Maria José, de cinco anos, que enfrenta os desafios, as dificuldades e a falta de recursos em uma vida no sertão brasileiro. Houve comentários depreciativos por parte dos alunos acerca do vídeo, como a situação de desgaste das roupas, a casa sem condições básicas de conforto e o período árduo de gravidez da personagem. Diferentemente das atitudes da professora, essa situação dos estudantes demonstra um momento de descomunhão que não auxilia na compreensão do conteúdo e das principais características dele.

Vale mencionar, que além dessa intervenção, a professora poderia empregar outras estratégias com o intuito de relacionar o conteúdo do curta-metragem com as propostas da disciplina de “Estudo Orientado”, que busca desenvolver as habilidades dos estudantes nos âmbitos da leitura e da escrita. Existem alguns aspectos que podem ser

apresentados sobre o vídeo, por exemplo, a importância do acesso à educação, o debate sobre as questões socioculturais e sobre as características e funções do gênero em discussão. No entanto, os aspectos do vídeo não foram abordados nas aulas de “Estudo Orientado” e esses aspectos poderiam ser levantados pela docente que, por sua vez, opta em discutir o curta-metragem apenas de maneira superficial, sem aprofundar nas questões mencionadas. Contudo, compreendemos que possivelmente a professora não aprofundou nessas questões de vital relevância devido ao tempo da aula, que é de apenas cinquenta minutos.

As estratégias que a professora utiliza dialogam com os pressupostos teóricos da ADE, pois eles recomendam a luta contra a violência e o sofrimento evitáveis. Se as palavras utilizadas pelos estudantes fossem utilizadas em sala de aula e se fossem direcionadas a outros alunos, causariam sofrimento e constrangimento, levando a uma descomunhão entre eles. Diante disso, os dados coletados durante a aula, por meio das observações e do diário de campo, demonstram que o presente conteúdo possui tendências para discutir inúmeros preconceitos sociais em torno da temática do curta-metragem.

Na aula seguinte, a professora começou a explicar as características de um mapa conceitual, pois o conteúdo programado era sobre esse gênero. Para que tal trabalho fosse desenvolvido, a professora sorteou um número da chamada de forma que um aluno por vez apresentasse, em forma de seminário, seu mapa conceitual, resumo ou a linha do tempo. Para uma melhor visualização disso, segue as transcrições das aulas abaixo:

3º excerto de uma de “Estudo Orientado” - Período Matutino

Professora: Boa tarde turma!

Alunos: Boa tarde professora.

Professora: Nono ano? Vocês lembram do mapa conceitual... aquele sobre algum tema que vocês têm que escolher que precisam fazer né? Aquele que o professor de português pediu.

Alunos: Sim.

Professora: Eu vou... eu vou passar aqui na televisão as características e também alguns exemplos de mapas, tá? Aí vocês vão fazendo aí, porque o professor de português disse que vai olhar esses mapas na próxima aula..... Bom, aqui estão as características de um mapa conceitual. Vocês tão conseguindo ver?

Aluno 7: Sim, professora.

Aluna 2: Sim, sim.

Professora: Nono ano? Vocês tão vendo que as caixinhas ficam ligadas pelas linhas e pelas setas?

Alunos: Sim

Professora: Aí vocês tem que né... preencher essas caixinhas. São setas que conectam as palavras, as ideias sobre o que é o mapa conceitual. Então, vocês precisam fazer o de vocês dessa forma também, tá?. Vou deixar esse exemplo aqui na televisão com essas características e aí vocês começam a fazer o de vocês, tudo bem?

Aluno 7: Beleza professora.

Aluna 13: A senhora vai ajudar a gente né?

Professora: Sim, vou ajudar vocês fazer. Vocês fazem e trazem aqui pra eu ver se estão fazendo certinho. Tá bom?

Aluna 13: Aham.

Professora: Aí vocês pode escolher temas que gostem e usem a criatividade para fazer os mapas. Podem conversar entre vocês sobre os mapas.

Aluna 13: Deixa a gente sentar de dupla professora?

Professora: Pode sentar então, mas aí é pra vocês conversar sobre a tarefa, e não ficar conversando sobre outras coisas.

Aluno 15: Posso mostrar o meu mapa aí para a senhora professora?

Professora: Pode sim. Traz aqui, por favor.

Aluno 15: É assim mesmo?

Professora: Sim, tá certinho. Você usou a régua?

Aluno 15: Sim.

Professora: Nono ano? Vou sentar com algumas duplas para ajuda-los com essa produção, tá bom

Alunos: Tá bem então.

Por meio da televisão, a docente apresentou um exemplo de mapa conceitual para os alunos e esse foi o primeiro contato deles com o gênero em debate. A estratégia empregada pela docente quanto ao uso da televisão, constitui-se em uma atitude de comunhão de vital relevância para o prosseguimento das atividades, porque é uma estratégia com teor de inovação ao utilizarem um recurso disponível, como a televisão, a fim de discutir um gênero textual que facilite a compreensão de temas que estejam em discussão.

Nesse exemplo, utilizamos como categoria de análise, o contato dos estudantes com um gênero textual mediante as interações entre eles e a professora. Desse modo, discutir e analisar o mapa conceitual em sala possibilita aos alunos compreenderem um novo tipo de produção textual. Essa estratégia, constitui-se em uma estratégia positiva para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes, pois se refere a um gesto de comunhão com o objetivo de levar os estudantes a conhecerem uma nova produção. Através dessa atividade, refletimos sobre a importância da função social do mapa conceitual e do contato dos alunos com essa produção.

Para relacionar essa discussão com a ADE e com as categorias de análise elegidas, ressalta-se que o desenvolvimento do mapa conceitual pelos estudantes remete aos ecossistemas natural, mental e social, porque eles recorrem aos processos cognitivos de imaginação e dialogam entre si em sala de aula para a produção textual. Para a realização do mapa mental, os estudantes utilizam os recursos de suas mentes, assim como o processo de imaginação. Em relação à mente, o critério para a existência dela, como vimos, é “a capacidade de exibir imagens internamente e de ordenar essas imagens num processo chamado pensamento” (Damásio, 2012, p. 96). As imagens são as principais constituintes do pensamento, independente de qual sentido as gera e ao que se referem. Além das questões do ecossistema mental ressaltadas, lançamos um olhar para as categorias como a interação entre os estudantes e com a professora para a produção da atividade e o contato com o gênero.

Com relação ao tipo de interação, observamos que elas ocorreram face a face e em um tempo sincrônico. Nessas últimas interações, a docente pôde orientar os alunos com uma distância menor e, em alguns momentos, sentando-se ao lado deles para incentivá-los nessas produções, tendo o momento de fala e passando a palavra para seus alunos com o intuito de interagir e fazer com que eles aprendessem o conteúdo proposto.

Como se vê, observamos as categorias de análise quanto às interações entre docente e discentes. Dentre essas interações, destaca-se a comunicação corporal face a face estabelecida pela professora com os discentes que foi de vital relevância para assegurar a comunhão naquele ambiente. Nos seminários, os alunos apresentaram três produções de aulas anteriores, são elas: mapa conceitual, resumo e linha do tempo. As apresentações foram feitas em tom de voz mediano e as observações mostram a aproximação entre os indivíduos como sujeitos que se olham nos olhos, ouvem as vozes, observam os movimentos corporais uns dos outros, para tentar compreender melhor como se relacionam consigo e com o mundo. Esse contato entre os estudantes, é uma colaboração para a manutenção da comunhão em sala de aula e serviram como categorias de análise para esse trabalho.

As observações descritas são analisadas através dos ecossistemas natural, mental e social, pois essas interações ocorrem em um espaço físico e social, fazendo com que os indivíduos utilizem os recursos de suas mentes e cognições (Damásio, 2012 e 2018), para interagirem naquele ambiente. Esse seminário é importante para o desenvolvimento da oralidade, uma vez que os estudantes podem argumentar sobre as características de suas produções, assim como os seus pontos de vista, o que pôde ser constatado por meio das transcrições e das observações do pesquisador. O seminário, bem como outras condutas em sala de aula, são estratégias da professora em interação com os estudantes para gerar comunhão. Nesse exemplo, a categoria utilizada aqui diz respeito às interações face a face dos estudantes com a professora através da produção de uma atividade.

Além disso, é importante pensarmos que essas interações revelam estratégias por parte da professora com o intuito de desenvolver a oralidade dos estudantes. Ao sugerir os seminários aos estudantes, a professora pratica alguns gestos de comunhão que têm por objetivo o aprimoramento de suas habilidades. Esses gestos se referem e se constituem em categorias de análise, como a autoridade em sala e os movimentos corporais por parte da docente ao delegar tarefas que visam promover a comunhão.

Dando prosseguimento às ideias aqui trazidas, passamos para outra transcrição referente às interações entre a professora e os alunos em uma das aulas de EO observadas durante a realização da pesquisa:

4º Excerto de uma aula de “Estudo Orientado” - Período Matutino

Professora: Turma, bom dia! Vamos organizar aqui as carteiras e colocar uma atrás da outra né... o conteúdo de hoje vai ser sobre análise e interpretação de texto. Ai vamos arrumar a sala aqui bem rapidinho.

Aluno 1: Professora? Então, vai ser só revisão de Português...

Professora: Sim, revisão... É porque o professor de Português de vocês pediu pra eu ajudar vocês com isso. Então... eu, eu vou passar aqui... na verdade eu vou explicar como funciona a estrutura padrão de um texto e as características também, tudo bem? E aí vocês vão anotando no caderno.

Aluno 1: Tá bem então.

Professora: A gente tem que seguir a ordem das aulas de EO também né. Pelo menos nessas seis primeiras aulas, a gente vai ter que seguir essa ordem. Vocês entenderam? Aquela ordem que o coordenador de EO passou pra vocês.

Alunos (as): Sim, sim.

Professora: Então, pra essa aula eu vou querer que vocês leiam o texto que o professor de Português passou e fique atento às características do texto, aquelas que o professor passou na aula.

Aluno 2: A senhora vai ajudar a gente professora?

Professora: Sim, claro. Eu vou tá auxiliando vocês na carteira. Mas vocês têm que ler e identificar as características do texto que o professor de Português mostrou para vocês.

[Falas ininteligíveis de alguns alunos durante a leitura]

Professora: Pessoal? Vamos fazer silêncio aqui por favor... Vocês se lembram das três partes de um texto?

Aluno 3: Lembro professora

Professora: Você pode falar essas três partes?

Aluno 3: É a introdução, o desenvolvimento e a conclusão professora?

Professora: Sim, essa é a estrutura básica de um texto. E além dessa estrutura existem algumas outras partes e elementos do texto, né? Vocês sabem me dizer quais são essas outras partes?

Aluno 4: Argumentos?

Professora: Sim. E o que mais?

Aluno 4: Vixe. Agora não me lembro mais das outras partes.

Professora: Além dos argumentos, também tem os conectivos que fazem parte da estrutura. Alguém aqui na sala sabe me dizer o que é um conectivo?

Aluno 5: Ahhh professora eu já ouvi essa palavra, mas agora não me lembro.

Professora: Sem problemas. Um conectivo, hmmm como posso explicar pra vocês. Um conectivo é. ele é... é uma palavra utilizada nos texto para ligar né... para conectar outras palavra, por isso esse nome.

[Falas ininteligíveis por parte dos estudantes.]

Aluno 4: Quais são os conectivos professora? Eu num lembro dessas palavra não... num lembro do professor de língua portuguesa falar deles não.

Professora: Antes de eu falar esses conectivos pra vocês... vamos fazer o seguinte, vocês vão ler o texto mais uma vez e vão identificar os conectivos, tudo bem? Depois eu vou passar na carteira de cada um de vocês auxiliando na leitura.

As transcrições acima demonstram que a professora pediu aos alunos para organizarem as carteiras da forma tradicional naquela aula, diferentemente da aula anterior em que os alunos estavam em círculo. Ao pedir para organizarem as carteiras, notamos uma atitude que revela um gesto de poder por parte da professora para facilitar a comunicação dialógica e, portanto, a comunhão, uma vez que a docente é a líder em sala de aula e os alunos precisam prestar atenção em sua fala, seus movimentos, ordens e pedidos.

Para essa discussão, utilizamos como categorias de análise algumas questões referentes às interações entre estudantes e docente, expressões corporais que revelam discursos e o poder exercido em sala pela profissional. Observamos, nesse exemplo, que através das expressões faciais dos estudantes e do desânimo deles com a mudança das carteiras durante a organização, que eles gostariam de continuar em círculo e não mudar para a ordem habitual das carteiras. Embora seja um discurso tradicional que demonstra o poder da docente, os discentes cumprem as ordens sem questionamentos, pois

também acreditam que a organização tradicional de uma sala de aula funciona no processo de ensino-aprendizagem e no auxílio às dificuldades dos discentes.

Outra questão a ser levantada, se refere a como a posição das carteiras e a organização física da sala interfere na interação e na questão relacionada à liderança da professora. Para ressaltarmos essa discussão, abordamos os ecossistemas natural, mental e social propostos pela ADE em que as carteiras são organizadas de forma tradicional após o pedido da professora. Como observamos, a professora, nessa posição, revela poder através dos gestos em sala de aula a partir do momento que dá ordens, faz pedidos e orienta seus estudantes o que remete ao ecossistema social. Essas interações demonstram que, em alguns momentos, a professora é a única com o direito de fala por estar em uma posição física na sala superior à dos estudantes, enquanto em outros momentos ela compartilha o momento de fala com os discentes e promove a comunhão entre eles. Em relação ao mapeamento das carteiras e de outros elementos físicos da sala de aula, é uma mudança que remete ao ecossistema mental, em que os alunos utilizam dos processos mentais para organizar e manter a classe. Nessa situação, consideramos que esses ecossistemas analisados constituem no Ecossistema Integral da Língua (EIL).

Do mesmo modo, o intervalo em relação a ter a palavra e passá-la para os alunos constitui-se, sobretudo, em gestos de comunhão, porque esse intervalo faz com que os alunos tomem a palavra, apresentem seus pontos de vistas, tirando suas dúvidas e indagações. A professora buscando comunhão não detém a palavra a todo o momento, ela permite que os alunos participem da interação e apresentem suas contribuições acerca do conteúdo. Ao compreendermos que a ADE trata das interações no seio do ecossistema linguístico, ela defende a ideia de que o texto-discurso surge de um diálogo que produz sentidos em uma rede de interações, em um sistema complexo de comunhão (Couto; Fernandes, 2021), complexidade que se reflete no ensino em que se analisam os valores discursivos que são construídos no meio ambiente em que vivem os sujeitos.

A professora interagiu com os alunos, de acordo com a ADE, através da interação face a face explicando como funciona a estrutura padrão de um texto. Através das interações observadas, constatamos a presença das regras interacionais (RI) e das regras sistêmicas, em que falante e ouvinte estão próximos ou frente a frente durante o diálogo

em comunhão. É importante ressaltar que, nos diálogos entre a professora e os alunos, a interação fluiu sem nenhum problema ou necessidade de intervenção por parte de outrem. Houve harmonia e comunhão entre ambos os indivíduos, o que facilitou, portanto, a compreensão das interações.

Como ressaltado, a questão das estratégias utilizadas pela professora diz respeito a uma categoria de análise para esse trabalho. Assim, nessa aula, a docente utilizou a estratégia de não apresentar em primeira instância os conectivos aos estudantes, mas sim motivá-los positivamente a encontrar as palavras que têm a função de ligar termos, palavras e expressões no texto lido e analisado. Entretanto, essa estratégia não seria ideal para ajudar os estudantes em suas habilidades, visto que os alunos perguntaram para a docente o que são os conectivos, e, assim, ela apenas pediu para eles identificarem esses conectivos no texto sem ao menos explicar o que seriam esses termos e palavras que têm como função conectar os termos e conceitos.

Dessa maneira, surge a seguinte pergunta: como vão identificar os conectivos se não sabem o que é? Essa estratégia parece ir na contramão dos objetivos do presente estudo, que é discutir os conteúdos do “Estudo Orientado” e investigar como esses conteúdos podem desenvolver nos estudantes do 9º ano suas habilidades linguísticas e discursivas, como a leitura e escrita, assim como outras habilidades de outras disciplinas. Entretanto, sem a explicação do que seriam os conectivos por parte da professora, os estudantes recorrem à cognição e imaginação para a realização dessa atividade. Outro recurso utilizado por eles, é o uso da memória coletiva, pois já ouviram falar da palavra e podem recorrer à mente e às suas vivências de outras situações para compreender o que seriam os conectivos e o porquê de utilizá-los no texto.

Destaca-se para essa análise, o momento em que a professora disse que ia passar na carteira auxiliando os alunos. No contexto, a escolha da palavra pela professora nos leva a pensar na escolha de termos nas interações como uma categoria de análise, posto que, ao utilizar a palavra “auxiliando”, observamos uma atitude de comunhão por parte da docente, porque em momentos de interação com o pesquisador disse gostar de auxiliar os alunos em suas dificuldades, o que pôde ser observado nas aulas e registrado no diário de campo. Ainda no contexto, essa palavra que vem do verbo auxiliar se refere,

de acordo com o dicionário Houaiss, aquele que presta assistência a outrem na realização de alguma atividade (Houaiss, 2009). Além da significação dicionarizada dessa palavra, refletimos, de acordo com a ADE, sobre o uso dela no contexto de ensino-aprendizagem da disciplina de EO.

A nosso ver, a palavra utilizada para o presente estudo, se refere ao ato de contribuir para o aprendizado dos estudantes, fornecendo ajuda e sanando as dúvidas que poderão surgir por parte dos discentes. Com a estratégia de orientar os alunos na leitura e na identificação dos conectivos do texto, notamos uma interação face a face da professora com os discentes (Couto; Fernandes, 2021), que reflete, portanto, no auxílio em suas dificuldades e no aprimoramento de suas habilidades. Essa interação em que falante e ouvinte estão de frente um para o outro é fundamental para a aprendizagem, pois eles interagem num mesmo espaço e num mesmo tempo, utilizando diversas regras interacionais e sistêmicas que permitem produzir sentidos e manter a comunicação (Couto; Fernandes, 2021).

Considerações finais

Os objetivos deste trabalho eram analisar os gestos de comunhão nas interações comunicativas entre docentes e discentes, assim, como os conteúdos da disciplina “Estudo Orientado” em uma turma do nono ano e observar como esses gestos e os discursos observados nas aulas podem contribuir ou não para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas dos alunos com base nos princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso Ecológico (ADE).

Diante de tal retomada, acreditamos ter atingido esses objetivos, uma vez que as análises demonstram gestos de comunhão e de descomunhão nas interações comunicativas entre docente e discentes e observamos tanto a importância das aulas de “Estudo Orientado” quanto como esses gestos podem ou não auxiliar no

desenvolvimento das habilidades dos estudantes; como quando a estudante sofreu preconceito ao utilizar a palavra ‘ingual’ ao invés de “igual”.

Essas condutas dos estudantes e da professora são gestos que não facilitam a comunhão e não auxiliam os estudantes em suas dificuldades e, ainda, não os ajudam a potencializar suas habilidades, porque não aprendem a conhecerem a diversidade e riqueza linguística e continuam reproduzindo preconceitos em torno da linguagem. Entretanto, houve alguns momentos nas aulas observadas que tiveram gestos de comunhão que se tornaram eficazes no desenvolvimento das habilidades dos alunos. Dessa forma, concluímos que as interações em sala de aula, as atividades, as orientações e os conteúdos avaliativos demonstram gestos de comunhão que auxiliam os estudantes em suas habilidades linguístico-discursivas e no aprimoramento de suas potencialidades referentes às disciplinas e aos projetos escolares que participam.

Como vimos, os ecossistemas apresentados nas análises não são independentes, visto que eles dialogam entre si, constituindo o Ecossistema Integral da Língua (EIL). Indubitavelmente, esses ecossistemas promovem interações mútuas ao conviver de forma integrada em trocas permanentes, buscando a comunhão. Sempre que encaramos os ecossistemas e a interação de modo global, estamos falando a partir do EIL, porque a língua é encarada independentemente de ser um fenômeno natural, mental ou social, podendo ser todos eles ao mesmo tempo. A ADE parte do conceito de ecossistema, o qual é formado pelos elementos língua, território e povo (L-T-P), para analisar as interações e os discursos que emergem delas, considerando-se as dimensões natural, mental e social.

Em suma, este trabalho possibilita o surgimento de outras pesquisas que se apoiam nos pressupostos teóricos da ADE, bem como abre caminhos para novas investigações que tenham como objetivo analisar fenômenos linguísticos levando em consideração os múltiplos sentidos que emergem nos ecossistemas. Soma-se a isso, o fato de ele ser recomendado para estudantes, pesquisadores e professores que objetivam conhecer mais do ambiente escolar, das teorias utilizadas para compreender as interações que ocorrem entre professores e alunos em sala de aula, bem como os elementos das instituições de ensino em tempo integral.

Para concluir, refletimos sobre as propostas de intervenção recomendadas pela ADE. Surge, então, a importância de pensar nas diversas formas de intervir, de defender a vida. Para o presente trabalho, esse princípio da ADE, diz respeito à prática de tutelar todas as vidas em todos os seus estágios de desenvolvimento, como a defesa da vida nos estágios de desenvolvimento de alunos do Ensino Fundamental mediante a participação na disciplina “Estudo Orientado”. Assim, é preciso conscientizar o estudante de alguma maneira, por meio de uma prática pedagógica, que é errado ter atitudes, como preconceito, racismo, homofobia, xenofobia e entre outros preconceitos, pois no futuro terá problemas.

Referências

- BOTELHO, J. M. A **nasalidade das vogais em português**. Soletras, n. 14, p. 55-63, 2007.
- COUTO, H. H. do. Análise do discurso ecossistêmica – ADE. **Arboles y Rizomas**, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2020.
- COUTO, H. **Comunhão**, 2017. Disponível em:
<http://meioambientealinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html20/07/2020>.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. Por uma análise do discurso ecológica. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 82-104, 2015.
- COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, E. M. da F. **Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.
- COUTO, E. K. N. N. do; DO COUTO, H. H. do. Ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica (ADE). **Signótica**, v. 28, n. 2, p. 381-404, 2016.
- COUTO, H. H. do. Comunidade de fala revisitada. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 49-72, 2016.

COUTO, H. Linguística Ecológica. In: COUTO et.al. **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. **Análise do discurso ecológica – (ADE)**. Coleção: Linguagem e Sociedade vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

COUTO, H. H. do. **O tao da linguagem**: um caminho suave para a redação. Campinas, SP: Pontes, 2012.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMÁSIO, A. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JATOBÁ, J. D.; BASTOS, O. **Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 56, p. 171-179, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LUIZ, M. J. L. **As práticas religiosas em O pagador de promessas sob a perspectiva da ADE**. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 84-95, 2017.

NAESS, A. **Ecology, community and lifestyle**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PIGOZI, P. L; MACHADO, A. L. **Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 3509-3522, 2015.

TRONCON, L. E. de A. **Ambiente educacional**. *Medicina (Ribeirão Preto)*, v. 47, n. 3, p. 264-271, 2014.

Recebido em 28/06/2025.

Aprovado em 28/07/2025.